

Orações relativas de quantidade e quantificadores implícitos

Telmo Mória

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Abstract

In this paper, the subclass of (so-called) amount relatives in Portuguese is analysed from a predominantly semantic perspective. The focus is placed on the equivalence between typical amount relatives and those that have explicit quantificational hyperonyms (e.g. ‘quantidade’ [quantity], ‘número’ [number], ‘volume’ [volume], ‘grau’ [degree]) in the antecedent. Some differences in the distribution of these two types of constructions are noted. The relevance of the quantification type (count, measure, degree), on the one hand, and the fact that similar readings are obtained in structures that do not resort to relative clauses, on the other hand, are underlined.

Keywords: relative clauses, modification, quantification, definiteness, covert nominal expressions.

Palavras-chave: orações relativas, modificação, quantificação, definitude, expressões nominais não realizadas.

1. Introdução

Neste trabalho, será analisada uma subclasse de orações relativas em que o foco da predicação associada ao constituinte relativo (e à estrutura nominal em que a oração relativa se integra) é um valor de quantidade. Este tipo de orações, que Carlson (1977) denominou “amount relatives” – e sobre o qual existe uma extensa bibliografia para o inglês –, está exemplificado nas sequências em itálico de (1) e (2) (exemplos baseados em frases inglesas de McNally, 2008, uma delas adaptada de Heim, 1987):

(1) Perdemos a batalha porque não tínhamos, nem de perto nem de longe, *os soldados que o inimigo tinha*.

(2) Seriam precisos vários dias para beber *o champanhe que eles derramaram naquela noite*.

Como se pode facilmente verificar, a predicação relevante nestas frases não envolve os indivíduos ou as substâncias específicas mencionadas, mas antes as quantidades dessas entidades, e por isso estas frases são equivalentes a (1') e (2'), respectivamente:

(1') Perdemos a batalha porque não tínhamos, nem de perto nem de longe, o número de soldados *que o inimigo tinha*.

(2') Seriam precisos vários dias para beber a quantidade de champanhe *que eles derramaram naquela noite*.

1.1. Para um conceito restritivo de “relativa de quantidade”

Importa sublinhar, desde já, que, na literatura sobre o inglês, o termo “relativa de quantidade” tem sido aplicado, de forma abrangente, não só às construções como (1) e (2), que envolvem unicamente **identidade de quantidades** – e que podemos designar como relativas de quantidade em sentido estrito –, mas também a construções existenciais (nomeadamente, as relativas com *there to be*) que possuem, em inglês, propriedades sintático-semânticas próximas daquelas, mas apresentam adicionalmente um requisito de **identidade de entidades**. Veja-se (3):

(3) I read all the books (*that*) *there were on the table*.

(Li todos os livros *que havia na mesa*.)

Note-se que esta frase é falsa numa situação em que há, por exemplo, cinco livros sobre a mesa e o enunciador leu cinco livros (ou seja, “identidade de quantidades”), mas não aqueles que estavam sobre a mesa (ou seja, “diferença de entidades”).

McNally (2008) mostra, de forma convincente, que as relativas associadas a construções existenciais (como (3)) e as relativas de quantidade em sentido estrito (como (1)-(2)) devem ser tratadas como classes distintas, visto apresentarem propriedades gramaticais não coincidentes. Mais concretamente, as relativas associadas a construções existenciais – ao contrário das genuínas relativas de quantidade – são compatíveis com “DP-internal *only*” (*único*, em português) e, ainda que com fortes restrições semânticas, com determinantes não definidos, no SN matriz:

(4) The only reasons *there are* are reasons for action... (McNally 2008: 2)

(As únicas razões *que há* são razões para agir...)

(5) One problem *there is with this website* is that it does not explain what a press syndicate does. (McNally 2008: 6)

(Um problema *que há com esta página* é que ela não explica o que faz um “press syndicate”.)

Por outras palavras, para a autora, o requisito de identidade de quantidades, sem identidade de entidades, parece delimitar sozinho uma classe de construções, que podemos

designar, com propriedade, relativas de quantidade. É esta visão restritiva (da noção de relativa de quantidade) que vou adoptar neste trabalho.

1.2. Ambiguidades relativa de quantidade / relativa restritiva comum

Nesta secção introdutória, importa ainda ter em conta que, tal como acontece em inglês, existem estruturas ambíguas entre uma leitura de identidade de quantidades ou “leitura quantificacional” – em que há uma genuína relativa de quantidade – e uma leitura de identidade de entidades ou “leitura referencial” – em que há uma relativa restritiva comum. É o que acontece nas frases (6) e (7), a seguir:

(6) A vitória depende em grande parte dos jogadores *que ficarem em campo*.

(7) As plantas morrem sempre em casa da Ana, ponha ela a água *que puser*.

A frase (6) pode ser associada às paráfrases “a vitória depende em grande parte de *quantos jogadores se mantiverem em campo*” (leitura quantificacional) ou “a vitória depende em grande parte de *quais os jogadores que se mantiverem em campo*” (leitura referencial). As continuações (6a) e (6b) favorecem cada uma destas leituras, respectivamente:

(6a) ... Segundo o treinador, *com menos de dez jogadores* é impossível vencer.

(6b) ... Segundo o treinador, *sem o Jorge e sem o Tiago* é impossível vencer.

O mesmo tipo de ambiguidade, *mutatis mutandis*, está patente no exemplo (7), envolvendo agora uma quantidade de uma substância ou diferenças na sua qualidade, como nas paráfrases “ponha ela a *quantidade de água* que puser” (leitura quantificacional) e “ponha ela o *tipo de água* que puser” (leitura referencial). As continuações (7a) e (7b) favorecem cada uma destas leituras, respectivamente:

(7a) ... *Pouca ou muita*, tanto faz. O problema é que a casa não tem luz.

(7b) ... *Da torneira, de garrafa ou destilada*, tanto faz. O problema é que a casa não tem luz.

Note-se ainda que as frases com as orações relativas de quantidade – e apenas essas – são parafraseáveis por estruturas com um **hiperónimo de quantificador explícito** (por exemplo, *número* ou *quantidade*), do tipo de (1') e (2') acima, um facto interessante que irei explorar adiante (na secção 2.4):

(6') A vitória depende em grande parte do número de jogadores *que ficar(em) em campo*. [frase não ambígua, só com leitura quantificacional]

(7') As plantas morrem sempre em casa da Ana, ponha ela a quantidade de água *que puser*. [frase não ambígua, só com leitura quantificacional]

Interessa também notar, marginalmente, que a ambiguidade em causa pode ter um impacto discursivo importante, surgindo, por exemplo, em textos jornalísticos que permitem diferentes leituras. Veja-se, a título ilustrativo, o excerto do *corpus* CETEMPúblico [CP] que se segue, que admite duas interpretações, com implicações substancialmente distintas: “dada *a quantidade de poluentes* que gera” (leitura quantificacional) ou “dado *o tipo de poluentes* que gera” (leitura referencial):

(8) «A solução tem sido sempre a incineração, mas este é um método muito criticado, dado os poluentes *que gera*.» (CP, ext795051-soc-96b-4)

A questão da ambiguidade relativa de quantidade / relativa restritiva comum será retomada (e aprofundada) adiante, nas secções 4 e 5.

2. Propriedades sintáctico-semânticas das orações relativas de quantidade

Considerarei agora algumas das principais propriedades sintáctico-semânticas das orações relativas de quantidade, e bem assim dos SNs em que elas se integram.

2.1. Relevância da (informação veiculada pela) estrutura nominal nuclear em três posições

Nas estruturas com orações relativas de quantidade, a informação veiculada pela estrutura nominal que é núcleo do antecedente – e.g. *soldados*, em (1), ou *champanhe*, em (2) – é relevante em diferentes posições (discutivelmente, três).

Desde logo, é relevante, como é normal, no **interior da relativa**, onde essa informação surge associada à cadeia constituinte relativo-vestígio. Dito de forma simples, as orações relativas de (1) e (2) predicam sobre *soldados* e *champanhe*, respectivamente. Vários autores – em particular Heim (1987) – consideram, no entanto, que, nas orações relativas de quantidade, a relativização tem propriedades únicas: ela envolve um valor (não-definido) de quantidade, facto que explicaria – principalmente no caso das relativas associadas a existenciais – a compatibilidade do vestígio (comparável a um cardinal não-definido) com “*there-insertion*” (que, como se sabe, proíbe expressões definidas; cf. Milsark, 1974). Representando o valor quantificacional na relativa por *d-many* ou simplesmente *d* (de *degree*), como faz a autora, a estrutura relevante poderia ser assim representada:

(9) books that there were on the table

⇒ books that_i there were [d many books]_i on the table

(cf. e.g. Grosu and Landman, 1998:130)

(10) os soldados que o inimigo tinha

⇒ os soldados que_i o inimigo tinha [d soldados]_i

Já no que respeita ao **SN matriz**, a informação associada ao nome nuclear parece ser relevante em duas posições (o que é uma idiossincrasia destas construções), embora o nome só seja realizado morfológicamente uma vez.

Note-se que – discutivelmente – uma sequência como *os (soldados) que o inimigo tinha*, em (1), e, porventura de forma mais evidente, *o número (de soldados) que o inimigo tinha*, em (1'), parecem comportar-se semanticamente como quantificadores, identificando – de forma indirecta – um valor numérico. Veja-se a naturalidade de frases como *os soldados que o inimigo tinha eram dez mil e dez mil era o número de soldados que o inimigo tinha*. Carlson (1977) dá conta deste facto ao registar expressões comparáveis (ainda que não do subtipo exacto que aqui estamos a considerar) na categoria QP (um dos dois constituintes imediatos de NP, a par de NOM, o núcleo). Adaptando o tratamento de Carlson ao exemplo em análise, teríamos: [_{NP} [_{QP} os que o inimigo tinha] [_{NOM} soldados]]. Este tratamento aproxima as construções em causa das comparativas, como o autor salienta – e.g. a sequência *mais soldados do que o inimigo tinha* seria paralelamente analisada como [_{NP} [_{QP} mais do que o inimigo tinha] [_{NOM} soldados]] (Carlson, 1977: 522-523). Sublinhe-se que, embora Carlson não realize o nome nuclear como antecedente da relativa, dentro QP matriz, o seu conteúdo é relevante para a interpretação desse constituinte, pois de outro modo não se conseguiria obter um valor numérico¹.

Além do quantificador, há outra posição em que a informação veiculada pelo nome nuclear é essencial, que é obviamente a do próprio núcleo do SN matriz. Esta “dupla relevância” do nome nuclear é uma das marcas distintivas das construções em análise, responsável aliás por algumas das principais dificuldades de análise sintáctica das mesmas. Não me pronunciarei neste trabalho sobre o tratamento sintáctico formal mais adequado para este comportamento². O que importa salientar é que a informação nominal relevante (do núcleo NOM e do quantificador QP) aparece “fundida” nas formas superficiais

¹ Com efeito, Carlson não contempla uma posição nominal de antecedente (i.e. imediatamente pré-orção relativa) para as relativas de quantidade. Assim, o QP matriz é constituído por *every/all/the + S'* (e não *every/all/the + NOM + S'*), correspondendo, em (1), à sequência *os que o inimigo tinha* (e não *os soldados que o inimigo tinha*). O nome relevante (neste caso, *soldados*) aparece nesse QP apenas dentro da própria relativa (na posição do vestígio: *os que o inimigo tinha* ~~QP soldados~~), sendo deslocado por elevação para o núcleo do SN matriz.

² O tratamento de Carlson (1977) já foi brevemente referido na nota anterior: o autor prescinde da posição nominal pré-orção relativa no QP matriz e considera que o NOM matriz provém directamente da relativa, por movimento de elevação (cf. e.g. p. 524). Grosu e Landman (1998) adoptam uma estrutura mais canónica, em que a relativa de quantidade tem como antecedente o nome nuclear relevante (ainda que este seja movido por elevação da própria relativa) e não faz parte de um quantificador/determinante pré-nominal (cf. pp. 130-131, 140ss); os valores quantificacionais são obtidos por meios de operadores semânticos associados às estruturas sintácticas relevantes.

mononominais *os soldados que o inimigo tinha* ou *o número de soldados que o inimigo tinha*, que apresentam um comportamento duplo de quantificador e de SN completo.

É interessante notar, aliás, que o português dispõe de uma construção – ainda que de uso não muito frequente – em que o nome relevante aparece claramente realizado na posição nuclear, ao contrário do que acontece em (1)-(2) e (1')-(2'). Trata-se de uma variante das construções (1')-(2'), com um hiperónimo de quantificador realizado, como no seguinte excerto do *corpus* CETEMPúblico [CP]:

(11) «Augusto (...) explica que o canal de rega serve mais de mil hectares de terras (...), que podem ficar sem cultivo se até ao final do mês não houver água na quantidade necessária.» (CP, ext1380726-soc-95a-3)

Repare-se que a sequência sublinhada (que, embora não tenha verdadeiramente uma relativa, pode ser minimamente alterada para a conter – *água na quantidade que é necessária*) é equivalente à sequência, do tipo presente em (1')-(2'), *a quantidade de água (que é) necessária*.

Podemos usar este tipo de construção para evidenciar a tripla relevância do nome nuclear nas estruturas em análise. Observem-se as seguintes sequências (porventura não muito naturais), em que o nome relevante aparece realizado na posição nuclear e em que as formas subscritas (entre parênteses rectos) são obviamente não-realizadas:

(1'') (?)Perdemos a batalha porque não tínhamos, nem de perto nem de longe, soldados no número [de soldados] que o inimigo tinha [esse número de soldados].

(2'') (?)Seriam precisos vários dias para beber champanhe na quantidade [de champanhe] que eles derramaram [essa quantidade de champanhe] naquela noite.

2.2. Requisito de determinação definida (no SN matriz)

Na literatura, uma das propriedades que mais têm sido destacadas é o facto de o SN matriz em que se integra a relativa de quantidade requerer a presença de determinantes definidos (embora sejam também referidos casos com universais não definidos³). Esse SN é incompatível com, por exemplo, quantificadores existenciais, cardinais ou fraccionários (cf. e.g. Carlson, 1977; Heim, 1987; Grosu e Landmann, 1998). Formalmente, esta

³ Um exemplo inglês com quantificadores universais não definidos seria: *Marv put everything (that) he could in his pocket* (cf. Carlson, 1977: 528 e McNally, 2008) [*o Marv pôs na algibeira tudo o que conseguiu (pôr)*]. A leitura relevante desta frase (a única que Carlson aceita, aliás) é aquela em que o Marv pôs na algibeira o número máximo de objectos que lá conseguiu fazer caber (e.g. num cenário em que há dez objectos que cabem individualmente na algibeira e o máximo que cabe simultaneamente é quatro, o Marv pôs quatro objectos na algibeira). Noutra leitura, que não envolve uma relativa de quantidade (e que Carlson, 1977, rejeita, mas outros autores – e.g. McNally 2008 – admitem), o Marv pôs na algibeira todos e cada um dos objectos que lá conseguiu pôr (e.g. no cenário anterior, o Marv pôs cada um dos dez objectos na algibeira, em determinada altura). As duas leituras em causa são de tipo colectivo e distributivo, respectivamente, mas, por envolverem “identidade de objectos” e não apenas “identidade de quantidades”, não são do subtipo relevante para este trabalho.

restrição tem sido associada à presença de um operador de maximidade na estrutura, como proposto, por exemplo, em Grosu e Landman (1998).

Olhando para dados do português, concluímos que esta restrição parece também aplicar-se genericamente na nossa língua. Os exemplos (12) a (14) mostram que os quantificadores (aqui entendidos no sentido lato, que abrange também os determinantes) que mais favorecem a leitura quantificacional em português são: os definidos simples – cf. (12) –, os definidos associados a universais (uma estrutura possivelmente menos frequente e de registo algo informal) – cf. (13) – e ainda os definidos associados a cardinais – cf. (14). Em todas estas frases, obtemos com facilidade a leitura quantificacional, parafraseável por “ficámos espantados com o número (ou a quantidade) de visitantes que o museu teve no primeiro semestre”:

(12) Ficámos espantados com os visitantes *que o museu teve no primeiro semestre.*

(13) Ficámos espantados com todos os visitantes *que o museu teve no primeiro semestre.*

(14) Ficámos espantados com os dez mil visitantes *que o museu teve no primeiro semestre.*

Consideremos estas três construções com um pouco mais de pormenor, uma vez que elas apresentam algumas diferenças semânticas que importa discutir (e que não encontrei exploradas na literatura sobre o inglês).

Em primeiro lugar, note-se que as construções (12)-(14) variam no que diz respeito à explicitude da informação quantificacional. Em (12) e (13), não há informação explícita acerca das quantidades envolvidas; em (14), há essa informação (explícita) associada ao numeral que se segue ao determinante definido (*dez mil*), que tem um carácter claramente apositivo. A leitura de (14) é parafraseável por “ficámos espantados com o número de visitantes, (que foi de) dez mil, que o museu teve no primeiro semestre”. Note-se ainda que, nas estruturas do tipo de (14), a informação quantificacional pode ser precisa, imprecisa ou vaga, dependendo do quantificador utilizado; compare-se, por exemplo, *ficámos espantados com os dez mil visitantes que o museu teve no primeiro semestre* e *ficámos espantados com os escassos* (ou *os inúmeros*) *visitantes que o museu teve no primeiro semestre.*

Em segundo lugar, (12) a (14) – tal como possivelmente outras frases com conteúdos predicativos comparáveis – diferem na relação entre a quantidade relevante e um determinado valor de referência ou uma expectativa. Em (12), e bem assim (14), a quantidade predicada pode ser tanto acima como abaixo das expectativas, ou seja, a

sequência *os visitantes* pode equivaler tanto a “o elevado número de visitantes” como a “o reduzido número de visitantes”. Vejam-se as continuações possíveis: *ficámos espantados com os (dez mil) visitantes que o museu teve no primeiro semestre; estávamos à espera de muito(s) {menos / mais}*. Já em (13), a quantidade em causa está necessariamente acima das expectativas. Vejam-se as continuações: *ficámos espantados com todos os visitantes que o museu teve no primeiro semestre; estávamos à espera de muito(s) {menos / *mais}*.

Em contraste com as construções (12)-(14), verificamos, em (15)-(17), a incompatibilidade da leitura quantificacional (isto é, das relativas de quantidade) com um SN matriz que integre quantificadores existenciais, cardinais simples ou fraccionários, respectivamente:

(15) Ficámos espantados com alguns visitantes que o museu teve no primeiro semestre.

(16) Ficámos espantados com cinco visitantes que o museu teve no primeiro semestre.

(17) Ficámos espantados com a maior parte dos visitantes que o museu teve no primeiro semestre.

Claramente, estas frases só podem ter uma leitura referencial (associada a uma relativa restritiva comum).

Marginalmente, note-se que o exemplo (18), com o universal não definido *todo o*, que também só pode ter leitura referencial (e, portanto, uma relativa restritiva comum), mostra que – pelo menos em português – a universalidade não é condição suficiente para legitimar a construção quantificacional (sendo necessária a definitude):

(18) Ficámos espantados com todo o visitante que o museu teve no primeiro semestre. [só leitura referencial, ainda que, dadas as restrições estilísticas ao uso de *todo o*, pouco natural, face a e.g. *ficámos espantados com {todos / cada um de} os visitantes que o museu teve no primeiro semestre*]

Por fim, é ainda de salientar que, em português, é possível encontrar orações relativas de quantidade associadas a SNs sem determinantes realizados (uma situação que não encontrei descrita na literatura para outras línguas). É o que acontece em apostos nominais do tipo de (19), em que há um determinante definido (nomeadamente demonstrativo) implícito, o qual pode ser realizado, ou não, em posição pós-nominal:

(19) Foram derramados mais de cem mil litros de água, água (essa) que bastaria para abastecer um aldeia africana durante vários meses.

2.3. Multiplicidade de valores quantificacionais envolvidos

Neste trabalho, interessa-me ainda destacar duas propriedades das construções com relativas de quantidade – que são particularmente evidentes em português – e que me parece não terem tido o destaque necessário na literatura. Considerá-las-ei nesta subsecção e na seguinte.

Uma primeira propriedade, de natureza semântica, é extremamente importante para uma caracterização abrangente das construções em causa. Consiste no facto de as orações relativas de quantidade aparecem associadas às três modalidades de quantificação identificadas em Peres (1992; no prelo): contagem, medição e graduação.

Na contagem, há estruturas parafraseáveis por “o número (ou a quantidade) de N que” e os nomes são tipicamente plurais contáveis. Este tipo de quantificação está presente em (1) ou (12) acima, ou no seguinte exemplo de texto jornalístico:

(20) «Um navio, um cais e uma instalação deste tipo junto da Expo 98, com os visitantes que ela atrairá, não são aceitáveis por razões de segurança (...).» (CP, ext53472-eco-94a-2) [≡ “(com) o número de visitantes que ela atrairá”]

Na medição, há estruturas parafraseáveis por “o volume, a dimensão (ou a quantidade) de N que” e os nomes são tipicamente singulares não contáveis, embora possam excepcionalmente ser plurais (como em (22)). Este tipo de quantificação está presente em (2) acima, ou nos seguintes exemplos de texto jornalístico:

(21) «Percebido este tributo geral, (...) cada um despenderá a água que quiser.» (CP, ext135853-nd-91b-1) [≡ “a quantidade de água que quiser”]

(22) «(...) os judeus americanos (...) estão sobretudo preocupados com os impostos que vão pagar para o ano (...).» (CP, ext42031-pol-96b-2) [≡ “o volume de impostos que vão pagar para o ano”]

Finalmente, na graduação, há estruturas parafraseáveis por “o grau (ou a quantidade) de N que”, envolvendo tipicamente nomes abstractos que denotam propriedades escalares, como:

(23) «[O Partido Comunista] Viverá ou morrerá em função do apoio que tiver.» (CP, ext289279-opi-97a-2) [≡ “o grau de apoio que tiver”]

2.4. Equivalência entre estruturas com e sem um hiperónimo de quantificador no SN matriz

A segunda propriedade que me interessa destacar é de natureza léxico-sintáctica e já foi parcialmente referida. Consiste em que as orações relativas de quantidade aparecem associadas, em português, quer a construções com um hiperónimo de quantificador

explícito (no antecedente) – *quantidade, número, volume, grau* – quer a construções em que esse quantificador está de alguma forma subentendido (ou implícito) no núcleo nominal.

As construções com hiperónimo de quantificador nominal subentendido, que são as que têm sido estudadas no âmbito da literatura sobre relativas de quantidade, têm a estrutura superficial (24) e correspondem aos exemplos iniciais (1) e (2), bem como aos exemplos de *corpora* da secção 2.3. As que têm hiperónimo de quantificador expresso têm a estrutura superficial (25) e correspondem aos exemplos iniciais (1') e (2').

(24) [DET-DEF_α N_α *que...*]

(25) [DET-DEF_α HIP-QNT_α de N_β *que...*]

Nesta secção, apresento ainda dados de *corpora*, paralelos aos da secção 2.3 e com os mesmos nomes nucleares, que mostram que as duas construções são frequentemente intersubstituíveis e estão, portanto, em (forte) competição na gramática do português. Sobre a possível interferência de factores gramaticais e pragmáticos, e a relevância da ambiguidade, na escolha das duas construções, cf. secção 5, adiante.

Para a quantificação de contagem, veja-se:

(26) «(...) serão precisos (...) 18 meses para a execução dos trabalhos, seguidos de um longo processo de cálculo do número de visitantes *que o túmulo pode comportar sem que corra riscos de novas deteriorações.*» (CP, ext1169688-clt-92b-2) [≡ (cálculo d)os visitantes *que o túmulo pode comportar...*]

Para a quantificação de medição, veja-se:

(27) «Mesmo ancorado na doca, a quantidade de água *que invadia o interior do casco do iate* era alarmante (...).» (CP, ext132805-des-94a-1) [≡ a água *que invadia o interior do casco do iate (era alarmante)*]

(28) «Acha que há qualquer coisa de errado no facto de as pessoas serem capazes de saber (...) a quantidade de impostos *que paga*, (...) a partir do seu nome?» (CP, ext1247387-com-98b-3) [≡ (saber) os impostos *que paga*]

Finalmente, para a quantificação de graduação, veja-se:

(29) «O Congresso servirá para avaliar o grau de apoio *que têm os planos de modernização económica de Deng Xiaoping (...).*» (CP, ext1380795-pol-92b-2) [≡ (avaliar) o apoio *que têm os planos... de Deng Xiaoping*]

É ainda particularmente interessante verificar que as construções com e sem hiperónimo explícito coexistem em sequências textuais próximas, evidenciando o facto de os falantes as sentirem como variantes (cf. ainda (35)-(37) adiante):

(30) «Se em vez [de] se preocupar com a quantidade de latas de cerveja que diz ter visto no chão [CONTAGEM COM HIPERÓNIMO] ocupasse o seu tempo a escrever sobre o lixo que se vê permanentemente nas praias [MEDIÇÃO SEM HIPERÓNIMO] talvez encontrasse muito mais de que falar.» (CP, ext1169574-nd-91b-1)

3. Leituras quantitativas sem orações relativas de quantidade

Outro facto gramatical particularmente importante que me interessa destacar – e que, tanto quanto sei, também não tem sido sublinhado na literatura sobre o tipo de construções em análise – é que as variações (léxico-sintácticas e semânticas) que temos estado a observar não parecem ser (pelo menos, em português) exclusivas das estruturas com orações relativas, antes se verificando em variadíssimas construções com núcleos nominais simples ou modificados. Numa palavra, a leitura quantitativa de SNs com determinantes definidos parece ser independente da presença de relativas de quantidade (ainda que a presença destas possa ser um factor que favorece a leitura quantitativa).

Começemos por exemplificar a leitura quantitativa com modificadores de quantidade não relativos (participiais, adjectivais simples ou preposicionais):

(31) Ficámos espantados com a água {desperdiçada nesta casa / disponível para abastecimento das populações / neste depósito}.

Contraste-se a leitura quantitativa desta frase com a leitura referencial de, por exemplo, a água {desperdiçada nesta casa / disponível para abastecimento das populações / neste depósito} é potável e de boa qualidade.

As duas frases seguintes ilustram a leitura quantitativa sem modificadores⁴ (favorecida contextualmente pelo uso da expressão *por ano*):

(32) Na campanha, mostrava-se um depósito com pouca água e dizia-se que, em certas zonas de África, havia famílias que tinham de viver com aquela água por ano.

(33) [CONTEXTO SITUACIONAL: alguém apontando para um depósito com duzentos litros de água] Em certas zonas de África, há famílias que têm de viver com esta água por ano.

⁴ Ou com modificadores demonstrativos, se associarmos aos demonstrativos um valor de modificação, como em Mória (1993).

Em (32), há uma estrutura não modificada com interpretação anafórica. Contraste-se a leitura quantificacional dessa frase com a leitura referencial de e.g. *mostraram-nos um depósito com pouca água e disseram-nos que aquela água tinha propriedades curativas*. Em (33), há uma estrutura com um demonstrativo e interpretação dêictica. Contraste-se a leitura quantificacional dessa frase com a leitura referencial (no mesmo contexto enunciativo) de e.g. *esta água está inquinada*.

Eis alguns exemplos de *corpora*, que parecem ser deste tipo:

(34) a. «Os desempregados registados no Continente em Abril ficaram abaixo dos 400 mil.» (CP, ext1557582-eco-98a-1) [CONTAGEM]

b. «Andamos à lampreia. (...) Mas aonde é que há lampreia com este lixo?» (CP, ext1507004-pol-93a-1) [MEDIÇÃO]

c. «A maior parte dos tchetchenos que contactei em Grozni estavam espantados com a ferocidade da resposta russa.» (CP, ext552744-pol-95a-3) [GRADUAÇÃO]

Por fim, note-se que – tal como nas construções com relativas de quantidade observadas acima, em (30) – as construções com e sem hiperónimo explícito coexistem, nestes casos, em seqüências textuais próximas, evidenciando mais uma vez o facto de os falantes as sentirem com variantes (relativamente livres):

(35) «Entre 1992 e 1993, (...) as três principais cadeias de televisão (...) triplicaram o número de notícias de homicídios [CONTAGEM COM HIPERÓNIMO] sem que, no entanto, tivesse havido um aumento das ocorrências [CONTAGEM SEM HIPERÓNIMO].» (CP, ext25862-soc-96a-1)

(36) «Na visita (...), Arlindo de Carvalho anunciou que o hospital de S. Francisco Xavier duplicará o número de camas [CONTAGEM COM HIPERÓNIMO] e triplicará os serviços prestados [MEDIÇÃO SEM HIPERÓNIMO] (...).» (CP, ext40889-soc-91b-2)

(37) «Teve de reduzir o número de páginas [CONTAGEM COM HIPERÓNIMO] (depois de quase as [CONTAGEM SEM HIPERÓNIMO] ter triplicado) (...).» (CP, ext34447-soc-95b-2)

Em suma (e reiterando o que já foi dito), as variações (léxico-sintáticas e semânticas) em análise não parecem ser – pelo menos em português – exclusivas das estruturas com orações relativas, antes se verificando em variadíssimas construções com núcleos nominais (modificados ou não). Isto parece favorecer a ideia de um valor de quantificação incorporado no núcleo nominal – sob requisito de presença de valor de definitude – sem dependência (pelo menos exclusiva) das estruturas modificadoras.

4. Hiperónimos de quantificadores implícitos na leitura quantificacional de SNs definidos

Os dados linguísticos que observámos até aqui (cf. e.g. as frases (6) e (7), da secção 1.2) parecem indicar que os núcleos nominais associados a determinantes definidos (DET-DEF_α N_α) são intrinsecamente ambíguos entre uma leitura básica de entidades (leitura referencial) e uma leitura não básica de quantidades (leitura quantificacional). A última leitura – e apenas ela – é parafraseável por uma construção com hiperónimo de quantificador explícito.

Neste caso, como noutros de ambiguidade, é evidente que a interpretação depende crucialmente do contexto. Assim, a aplicação de um predicado à estrutura nominal relevante pode, em função de restrições de selecção semânticas, permitir uma ou ambas as leituras (sendo a presença de certos modificadores oracionais – nomeadamente, as relativas de quantidade – um factor potenciador, mas não obrigatório, na emergência de uma dessas leituras). Considerem-se as três frases seguintes:

(38) a. *Os visitantes que o museu teve esta semana* são maioritariamente estrangeiros.

b. *Os visitantes que o museu teve esta semana* ultrapassaram largamente as expectativas mais optimistas.

c. Estamos surpreendidos com *os visitantes que o museu teve esta semana*.

Em (38a), com o predicado *estrangeiros*, aplicável apenas a entidades, emerge só a leitura referencial. Em (38b), com o predicado *ultrapassar (expectativas)*, aplicável apenas a quantidades, emerge só a leitura quantificacional (equivalente a a quantidade de visitantes que o museu teve esta semana *ultrapassou largamente as expectativas mais optimistas*). Finalmente, em (38c), com o predicado *surpreendido*, aplicável a entidades e a quantidades, gera-se ambiguidade, podendo a frase significar que a surpresa resulta da quantidade de visitantes ou dos próprios visitantes.

Do ponto de vista da análise formal, uma forma de dar conta desta ambiguidade poderia ser considerar que as estruturas DET-DEF N com leitura quantificacional (tipo (24)) têm, na realidade, uma estrutura subjacente próxima de DET-DEF HIP-QNT de N (tipo (25)), ou seja, advogar a presença implícita de um hiperónimo de quantificador nessa leitura. Entre os argumentos a favor dessa hipótese, contar-se-iam:

(i) a já referida equivalência geral entre estruturas com e sem hiperónimo (e.g. *a água que foi derramada e a quantidade de água que foi derramada*);

(ii) a interpretação do vestígio das orações relativas de quantidade como um “(null) degree phrase” equivalente a “that amount of N” ou “d-many N”, de acordo com as propostas de e.g. Carlson, 1977⁵, Heim, 1987, ou Grosu e Landmann, 1998; na hipótese de haver um quantificador implícito, [v] é naturalmente interpretado como nas outras relativas, em conformidade com o valor que se postula para o antecedente

(39) a [quantidade] ————— de [água]_{ANTECEDENTE}
que_i [v]_i=ESSA QUANTIDADE DE ÁGUA foi derramada

(iii) a curiosa possibilidade (tanto quanto sei, não descrita na literatura) de aplicar apostos com hiperónimo a estruturas sem hiperónimo, a qual parece denunciar uma percepção de equivalência estrutural por parte dos falantes⁶

(40) Os ambientalistas estavam preocupados com o petróleo que foi derramado, *uma quantidade (que é) deveras impressionante*.

(41) Os resultados da equipa dependem muito dos atletas que conseguirem correr os 100 m em menos de 11 segundos, *um número (que é) difícil de calcular neste momento*.

Deixarei o desenvolvimento da hipótese aqui sugerida para investigação posterior.

5. Restrições ao uso de estruturas com hiperónimo incorporado – um esboço

Apesar da possível equivalência entre estruturas com e sem um hiperónimo de quantificador explícito (e.g. *a quantidade de água que foi derramada e a água que foi derramada*), verifica-se que nem sempre a substituição de uma construção por outra, mesmo satisfeitas as condições de definitude, produz resultados totalmente gramaticais.

⁵ Cf. Carlson (1977: 521), que considera “THAT AMOUNT” implícito na relativa.

⁶ Marginalmente, note-se ainda a possibilidade de SNs com leitura quantificacional (contendo relativas de quantidade) receberem apostos com leitura referencial (numa espécie de interpretação dupla do SN em causa):

(i) ^{OK?} Seriam precisos vários dias para beber o champanhe que eles derramaram naquela noite.

que, por acaso, era de óptima qualidade.

(ii) ^{OK?} Perdemos a batalha porque não tínhamos, nem de perto nem de longe,

os soldados que o inimigo tinha, *os quais eram, além do mais, intrépidos e bem treinados.*

Esta possibilidade (ainda que talvez ligeiramente marginal) revela que, em termos de estrutura de representação do discurso, há, na leitura de quantidades, referentes discursivos acessíveis tanto para as quantidades como para as entidades (o que é tratável com mecanismos de “reconstrução de antecedentes”, como os propostos em Kamp e Reyle, 1993).

Por outras palavras, as duas construções não estão em plena variação livre, sendo a construção sem hiperónimo mais fortemente condicionada, em português.

Nesta secção, considerarei – ainda de forma exploratória e muito incipiente – algumas restrições ao uso de estruturas com hiperónimo implícito, cuja exploração deixarei para trabalhos posteriores.

Quando pensamos, em termos gerais, na distribuição de estruturas com e sem hiperónimo de quantificador, há que atender, em primeiro lugar, a alguns factores estritamente gramaticais (do plano da frase). Por exemplo, como já foi abundantemente referido (na literatura e neste trabalho, em secções anteriores), estruturas com valor indefinido não permitem a construção com hiperónimo implícito. Assim, no excerto abaixo, por exemplo, não podemos prescindir do hiperónimo *quantidade* (já que obteríamos a sequência agramatical *deposita nas suas veias (um) alumínio que...*):

(42) «Os doentes (...) não desconfiam que (...) a água que entra em contacto com o seu sangue (...) deposita nas suas veias uma quantidade de alumínio que, para alguns deles, irá revelar-se fatal.» (CP, ext849744-clt-soc-93a-1)

Depois, há que ter em conta que, com alguma frequência, existe modificação do nome hiperonímico mediante adjectivos como *elevado*, *fraco*, *baixo*, *(de)crescente*, etc. Nestes casos, a omissão do hiperónimo só é geralmente possível se se puder integrar o valor do modificador por outros meios. Vejam-se os seguintes dois exemplos:

(43) «A associação entre a ordenação de mulheres e o número decrescente de praticantes tem sido um trunfo do clero mais ortodoxo (...).» (CP, ext572233-soc-97b-1); «Ninguém se pode esquecer das estruturas pesadas, do elevado número de funcionários, enfim, dos vícios herdados de uma empresa pública monopolista (...).» (CP, ext807283-opi-97a-1)

Nestes textos, não podemos simplesmente suprimir o hiperónimo, mantendo a leitura pretendida: **a associação entre a ordenação de mulheres e os praticantes...*; **ninguém se pode esquecer das estruturas pesadas, dos funcionários...* Tais sequências –agramaticais para a leitura pretendida – contrastam com as seguintes que integram, por meios gramaticais diversos, a informação veiculada pelo modificador do nome hiperonímico: *a associação entre a ordenação de mulheres e o decréscimo d(o número d)e praticantes...*; *ninguém se pode esquecer das estruturas pesadas, {dos inúmeros funcionários / dos funcionários em número elevado / do excesso de funcionários}*.

Além dos dois factos referidos acima, há ainda diferenças envolvendo, de forma complexa (e que não está ainda sistematizada neste trabalho), três factores: o tipo do

predicado, o tipo de nome nuclear, o tipo de quantificação. Ilustrarei apenas duas tendências, que – possivelmente – envolvem, pelo menos em parte, variação estilística.

Em estruturas de contagem, com nomes como *peças* (que identificam basicamente entidades), os predicados que só se combinam com argumentos quantitativos, como *duplicar*, parecem privilegiar a combinação com hiperónimos de quantificador explícitos⁷ – cf. (44); as estruturas com hiperónimos implícitos, embora também ocorram – cf. (45) – são porventura menos comuns.

(44) «Citando um estudo da ONU que indica que duplicou o número de pessoas que vivem fora do seu próprio país, (...)» (CP, ext286619-soc-94b-2); «Os EUA prevêem que irá duplicar até 2010 o número de insuficientes renais no país (...)» (CP, ext1060137-soc-98a-1); «O número de empresas (...) que já iniciou projectos de actualização (...) dos seus sistemas informáticos (...) triplicou nos últimos quatro meses (...).» (CP, ext42753-com-98a-3); «Os taxistas calculam que Minsk precisa de triplicar o seu número actual de táxis (...)» (CP, ext41096-pol-91b-1)

(45) «A extrema-direita (...) duplicou os seus membros no conselho municipal da cidade portuária.» (CP, ext911808-pol-94b-2); «O autarca recordou (...) que, entre os censos (...) realizados em 1981 e 1991, "duplicaram as habitações em Santa Maria da Feira".» (CP, ext7814-soc-95b-1); «(...) o sector da restauração está numa situação bastante difícil, devido à proliferação de restaurantes por toda a região, os quais triplicaram nos últimos dez anos (...).» (CP, ext84152-soc-95b-1)

Em estruturas de medição e graduação, pelo menos alguns nomes ocorrem com mais facilidade, ou frequência, na construção com hiperónimo implícito – e.g. nomes (que parecem ter um valor quantitativo intrínseco mais facilmente acessível) como *salário*, *preço*, *défice*, *energia*; *produção*, *consumo*, *exportação*, *tráfego*.

(46) «O Governo russo está a duplicar os salários nas organizações por si subsidiadas.» (CP, ext1437137-nd-92a-2); «(...) o agravamento das taxas de importação poderá triplicar os preços dos vinhos brancos no retalho (...).» (CP, ext30313-eco-92b-1); «(...) [o aumento nos gastos na defesa] fez quase triplicar o défice norte-americano em oito anos.» (CP, ext26707-pol-96b-1); «(...) Luis Alvarez calculou a energia que um asteroide de 10 km de diâmetro libertaria aquando do impacte.» (CP, ext248489-nd-91a-1); «Entre 1988 e 1996, a produção de cocaína e de «cannabis» duplicou (...).» (CP, ext39662-soc-96b-1); «Consumo de hipnóticos triplicou» (CP, ext19265-soc-97a-1); «(...) o objectivo é

⁷ Nomes colectivos como *população* têm um comportamento distinto, parecendo privilegiar a construção sem hiperónimo: «Após a guerra civil, a população negra triplicou na cidade (...).» (CP, ext24914-pol-93a-2).

triplicar as exportações de urânio feitas no ano passado (...).» (CP, ext50905-nd-92a-1); «O tráfego [em Torres Novas] (...) «triplicou ou quadriplicou» desde que (...).» (CP, ext82787-soc-91b-3)

Com este tipo de nomes, parece menos comum (embora ocorra esporadicamente) a construção com hiperónimo explícito:

(47) «Os sindicatos conseguem praticamente duplicar o valor dos salários (...).» (CP, ext536461-eco-95b-1); «(...) os investigadores puderam calcular a quantidade de energia que a molécula conseguiu reter.» (CP, ext61044-clt-98b-2); «Os Estados Unidos reclamam uma redução global no volume de exportações agrícolas da CEE (...).» (CP, ext1022633-eco-91b-2)

Além dos factores de gramática da frase, que estivemos a considerar, há que ponderar factores discursivos (de natureza gramatical e/ou pragmática). Por exemplo, questões de clareza e não ambiguidade parecem condicionar a utilização das construções em causa (uma vez que a opção por um hiperónimo explícito, que não envolve ambivalência, evita eventuais problemas de interpretação). Vejam-se os seguintes dois exemplos:

(48) «(...) Hungaroring é extremamente sinuoso (...). Nesta pista, partir da «pole» é meio caminho para uma vitória, já que devido à quantidade de curvas (...) se torna bastante difícil ultrapassar.» (CP, ext412241-soc-91b-1)

(49) «Carlos Queiroz tem-se queixado muito do (...) número de jogadores que tem ao seu dispor (...).» (CP, ext988865-des-95a-1)

Se, em (48), o hiperónimo fosse omitido (*devido às curvas*), haveria uma interpretação possível, com diferenças substanciais: “devido à existência de curvas”. Em (49), essa omissão (*tem-se queixado muito dos jogadores*) permitiria uma interpretação, com diferenças porventura ainda mais marcadas: “tem-se queixado muito da qualidade dos jogadores”, “tem-se queixado muito dos próprios jogadores”. Assim, razões de clareza discursiva podem justificar a preferência por construções com hiperónimo explícito, em contextos como os de (48)-(49).

Na realidade, algumas construções sem hiperónimo chegam a ser sentidas como muito marginais ou anómalas, possivelmente por induzirem uma leitura distinta da pretendida. É o que acontece nos dois exemplos seguintes (o primeiro dos quais referido por Peres e Mória, 1995):

(50) «No entanto, a pressão dos "cientistas" foi mais forte, pois eles consideram imprescindível para a sobrevivência da Academia o alargamento dos seus membros.» (Peres e Mória, 1995: 181)

(51) «CP aumenta comboios entre Porto e Braga [TÍTULO]

A CP arrancou ontem na linha de Braga com horários que encurtam o tempo de viagem entre a cidade e o Porto através de mais comboios (...) nas horas de ponta (...)» (*Diário de Notícias*, 31-03-2008, p. 26)

Para o primeiro texto, Peres e Mória (1995: 181) consideram que apenas se obtém plena aceitabilidade com a construção *o alargamento do número dos seus membros*. Para o segundo texto, onde se quer dizer que passa a haver mais comboios, e não que as composições passam a ser maiores, o título porventura mais adequado seria *CP aumenta número de comboios entre Porto e Braga*.

Seguem-se mais alguns exemplos de construções em que a omissão do hiperónimo causa, a meu ver, alguma marginalidade – cf. (52) – ou potencia uma interpretação substancialmente distinta da pretendida – cf. (53) – e para os quais ponho a hipótese de a construção com hiperónimo ser preferida:

(52) «Gradualmente, o número de mulheres com véu foi aumentando.» (CP, ext1522465-clt-soc-94b-1) [vs. *?as mulheres com véu foram aumentando*]; «Sismo na China: cresce o número de mortos» (CP, ext1010117-nd-96a-1) [vs. *?crescem os mortos*]; «(...) um aumento do número de mortes femininas (...), reflectindo o crescimento do número de mulheres fumadoras nas últimas décadas deste século.» (CP, ext695233-clt-soc-94b-2) [vs. *?o crescimento das mulheres fumadoras*]; «(...) o número de pessoas admitidas (...) foi reduzido por razões de segurança.» (CP, ext39992-soc-93b-2) [vs. *?as pessoas admitidas foram reduzidas*]; «(...) a necessidade de reduzir o número de veículos que circulam no centro histórico (...)» (CP, ext482587-soc-97b-2) [vs. *?reduzir os veículos que circulam no centro histórico*]; «Uma redução substancial do número de guerrilheiros (...) parecia ser o resultado da operação (...)» (CP, ext325109-pol-96a-2) [vs. *?uma redução substancial dos guerrilheiros*]

(53) «Preocupado (...) com o número de visitantes que se encontravam no recinto (...)» (CP, ext1513501-soc-98b-1) [vs. *preocupado com os visitantes*]; «Colaboradores do ministro comentam que o número de suicídios de polícias não é (...) mais importante do que no resto da população masculina.» (CP, ext1406193-soc-96a-1) [vs. *os suicídios de polícias não são mais importantes do que...*]; «Sem necessitar (...) de requerer o respectivo licenciamento, desde que as obras não impliquem modificação no número de pisos ou aumento do número de fogos.» (CP, ext892922-soc-95a-2) [vs. *desde que as obras não impliquem modificação nos pisos*]

6. Conclusões (e ainda uma questão para investigação posterior)

Entre as questões para investigação posterior (além das que já foram mencionadas), destacarei uma que me parece especialmente interessante: a relação entre as relativas de quantidade aqui analisadas e as relativas com o pronome quantificacional *quantos* ou *quanto*, ilustradas a seguir (que obviamente carece de uma análise comparativa mais aprofundada):

- (54) a. Leva *quantos livros quiseres*. [CONTAGEM]
- b. Usa *quanto tecido quiseres*. [MEDIÇÃO]
- c. Dar-te-ei *quanto apoio precisares*. [GRADUAÇÃO]

Passo rapidamente a umas breves notas de conclusão. Vimos neste trabalho que um subtipo de oração relativa, a que na literatura se tem dado o nome de relativas de quantidade, potencia uma leitura de sintagmas nominais definidos em que o foco da predicação não são as entidades designadas *per se*, mas sim valores quantificacionais a elas associados. Verificou-se que essas leituras não parecem ser exclusivas de SNs modificados com relativas desse tipo, sendo antes leituras genericamente disponíveis para SNs definidos, desde que eles apareçam dependentes de predicados que seleccionam argumentos de tipo quantificacional. Nesses casos, os SNs em causa estão em variação com outros em que o foco no valor quantificacional é directamente asserido mediante o uso de um hiperónimo de quantificador (do tipo de *quantidade*, *número*, *volume*, *grau* ou afim). Crucialmente, ambas as estruturas têm condições-de-verdade idênticas – e discutivelmente devem ser tratadas sintacticamente de modo análogo –, ainda que a sua distribuição não seja plenamente coincidente (como incipientemente mostrei e procurarei explorar melhor em trabalhos posteriores).

Referências

- Carlson, G. (1977) Amount relatives. *Language* 53, pp. 520-542.
- Grosu, A.; Landman, F. (1998) Strange relatives of the third kind. *Natural Language Semantics* 6, pp. 125-170.
- Heim, I. (1987) Where does the definiteness restriction apply? Evidence from the definiteness of variables. In *The Representation of (In)definiteness*. E. Reuland e A. ter Meulen (eds.). Cambridge, MA: MIT Press, pp. 21-42.
- McNally, L. (2008) DP-Internal Only, Amount Relatives, and Relatives out of Existentials. *Linguistic Inquiry* 39 (1), pp. 161-169. Versão disponível em

http://www.upf.edu/pdi/louisemcnally/_pdf/publications/McNally_amtrels.pdf

Milsark, G. (1974) *Existential Sentences in English*. Ph.D. dissertation. MIT, Cambridge, MA. Reimpressão: New York: Garland, 1979.

Móia, T. (1993) Sobre o lugar dos demonstrativos na arquitectura semântica do sintagma nominal. *Cadernos de Semântica* 11, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Peres, J. A. (1992) Questões de Semântica Nominal. *Cadernos de Semântica* 1, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Peres, J. A. (no prelo) Semântica nominal. A publicar em 2013 como capítulo da *Gramática do Português* (obra organizada pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, por encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian).

Peres, J. A.; Móia, T. (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho (2.^a edição, revista, 2003).

Corpora

[CP] *Corpus CP 1.7 v. 7.1*, disponível em <http://www.linguateca.pt/ACDC/>